

FONÉTICA SINTÁTICA

Ricardo Cavaliere
UFF

Disse, certa vez, Antonio Cândido, em comentário a *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, que há certos livros que já nascem clássicos. Com efeito, o conceito de clássico, naquela medida da obra singular que deixa rastros na cultura bibliográfica, seja pelo ineditismo do tema, seja por seu especial tratamento, parece cair bem em certas obras recentes que logram alcançar ao patamar da excelência à primeira leitura.

Essa, parece-me, a qualificação de *Fonética Sintática* em nossa historiografia gramatical. Não tanto pelo suposto ineditismo do assunto, que efetivamente não o tem, mas sim pela metodologia de apresentação e discussão dos fatos filológicos, que tão bem espelha aquela marca pedagógica que ordinariamente reside nos textos de Sousa da Silveira. Com efeito, o autor das *Lições de Português* escrevia para ensinar, e nessa tarefa tinha um peculiaríssimo dom de ordenar a matéria pelo prisma da melhor apresentação didática, que melhor servisse ao propósito do professor, ainda que tal procedimento causasse estranheza ao rigor metodológico do filólogo.

As páginas de *Fonética Sintática* têm o mérito maior de trazer ordem ao caos, de reunir e apresentar de modo sistemático um inventário diversificado de fatos lingüísticos emergentes da ligação intervocabular no discurso. Antes, a geração de gramáticos brasileiros sob influência histórico-comparativista já tratara de vários dos fatos fonológicos elencados por Sousa da Silveira, porém de forma pontual, com menção fortuita a fenômenos, ao sabor da lembrança ou da leitura ocasional.

Cite-se, a título de exemplo, o comentário de Ernesto Carneiro Ribeiro nos *Serões Gramaticais* sobre *intercalação fônica*, “figura de dicção que consiste em pôr entre dois vocábulos um elemento phonico, com o mero fim de adoçar mais a pronúncia”¹, como ocorre nas formas pronominais enclíticas a

1 RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Serões Grammaticaes ou Nova Grammatica Portugueza*. 2 ed. Bahia, Estabelecimento dos Dois Mundos, 1912, p. 29.

verbos terminados em *m*: *trazem-no*, *recebem-no*. O mesmo autor distingue com clareza os casos simples de prótese, em que uma vogal se incorpora ao radical da palavra — caso de *podium* > *apoio* —, da aglutinação de artigos a radicais, como em *ameaça* (de *a* + *minacia*) e em inúmeros termos advindos do árabe, em que o artigo *al* passa a integrar o radical da palavra em português: *alface*, *alecrim*, *azeite*, etc.

Eduardo Carlos Pereira, por seu turno, atesta na *Grammatica Expositiva*² casos de criação vernácula decorrentes do contato fonológico intervocabular: *lo este* > *leste*. Em 1916, José Oiticica consigna em sua memorável tese para a cátedra de Português do Colégio Pedro II a ocorrência de ditongos entre palavras, dando como exemplo a seqüência *minha irmã*. Um ano antes saía a lume, por iniciativa de Cândido de Figueiredo, a edição póstuma de *A Língua Portuguesa: Dificuldades e Duvidas*³, em que Franco de Sá dá ciência sobre reunião de vogais em uma única sílaba entre palavras.

Antenor Nascentes, enfim, já nas primeiras edições de *O Idioma Nacional*⁴ tece largo comentário sobre ditongos intervocabulares (*trinta e dois* – *trinteidois*), transformação de consoantes finais em intervocálicas (*sal amargo* – *salamargo*) modificação de consoantes perante vogais (*os olhos* – *u-zó-lhux*), variação na pronúncia final de consoante em contato com outra seguinte (*luz verde* – *luj-ver-di*; *luz trêmula* – *lux-trê-mu-la*) e casos análogos de fonética sintática.

Coube, portanto, a *Fonética Sintática* conferir foro próprio a todos esses fatos da língua em nossa bibliografia gramatical. Já aqui me referi ao traço didático da obra, que salta à vista pela ordem seqüencial que vai do mais simples para o mais complexo, em acurada co-referência. Recordo-me de certa vez haver-me dito o Prof. Mauro Baltazar, antigo colega de docência no Colégio Militar do Rio de Janeiro, que os livros didáticos mais úteis eram os escritos por quem já embranquecera os cabelos em sala de aula. Isso porque são obras em que o fato lingüístico não vem numa ordem ortodoxa e previsível, própria de quem toca a questão pelo prisma do sistema gramatical, mas em reordenação própria, que a longa experiência pedagógica revelou ser mais conveniente.

2 PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica Expositiva, curso superior*. 44 ed. São Paulo, Companhia Editora nacional, s/d.

3 SÁ, Fillipe Franco de. Franco de. *A Língua Portuguesa: Dificuldades e Duvidas*. Maranhão, Imprensa Oficial, 1915.

4 NASCENTES, Antenor. *O Idioma Nacional*. 3 ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1960.

Algumas críticas, entretanto, tenho ouvido a respeito do pequeno volume de Sousa da Silveira, uma das quais atinge diretamente o título, supostamente incompatível com o tema desenvolvido. A ressalva, aqui, seria de que os fatos que o autor arrola sob a rubrica *fonética sintática* nada têm de sintáticos, donde a inadequação do termo. Em outras palavras, fenômenos como a elisão e a haplogia intervocabular seriam pura e simplesmente fatos da fonética, que em nada se aproximariam da relação funcional de termos na sentença. Semelhante ressalva, a rigor, revela uma leitura tendenciosa, incapaz de vincular a obra ao cenário científico que lhe deu vezo.

Com efeito, a geração de Sousa da Silveira cresceu com pelo menos dois conceitos de sintaxe: a *sintaxe lexical* ou *relacional*, que, nas palavras de Julio Ribeiro, “considera as palavras como relacionadas umas com outras na construção de sentenças”⁵, e a *sintaxe lógica* ou *fraseológica*, que “considera as sentenças no que diz respeito à sua estrutura, quer sejam ellas simples quer sejam ellas compostas”⁶. Essa divisão bidimensional, reconheça-se, não trilhou caminho sereno sequer entre os filólogos da gramática científica⁷ brasileira, muitos dos quais não admitiam outra definição de sintaxe que não a de relação – melhor seria *inter-relação* – entre as palavras na frase. Nessa linha, como bem assevera Eduardo Carlos Pereira, “todos os phenomenos syntacticos quer referentes à palavra (lexico), quer referentes à proposição, teem o mesmo caracter logico ou relacional”, de que resulta admitir-se uma única sintaxe que, a título de mera metodologia de estudo, poderia ser subdividida em *sintaxe da proposição simples* e *sintaxe da proposição composta*. Preservava-se, assim, a idéia essencial de relação, seja entre palavras, seja entre cláusulas.

Ambas as visões, afinal, ajustam-se bem ao modelo de investigação da língua vigente na geração de Sousa da Silveira, que tomava a palavra com ponto de partida, elemento unitário em todos os níveis de análise gramatical. Assim, se a fonética analisava a palavra e seus sons constituintes, se a morfologia a dissecava em seus constituintes orgânicos, se a taxinomia e a ptoseonomia a descreviam, respectivamente, em sua tipologia e flexões, cabia à sintaxe estudá-la em suas relações dentro da frase. A sintaxe, pois, dita *lexical*, circunscrevia-se ao “estudo das palavras combinadas para a expressão do pensamento”⁸.

5 RIBEIRO, Julio. *Grammatica Portugueza*. 10 ed. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves & C., 1911, p. 224.

6 Id. *ibid.*, p. 229.

7 Por *gramática científica* designo o período de nossa historiografia gramatical iniciado em 1881, com Julio Ribeiro, cujas bases, sob influência predominante da gramática histórico-comparativa, vigeriam até a terceira década do século XX.

8 PEREIRA, Eduardo Carlos. *op. cit.*, p. 4

Reside nesse modelo de investigação conceito bastante distante da sintagmática saussurreana, que viria a disseminar-se lentamente entre nós a partir do final da década de vinte, cujas bases se assentam na ordem das palavras como entidade abstrata, não obstante “deva sua existência às unidades concretas que a integram e que correm em uma só dimensão”⁹. Mais distantes ainda situam-se outros conceitos de sintaxe, que nos ofereceu a lingüística do século XX, em que a noção de constituinte ou sintagma alçou a nível de abstração absoluta, sem qualquer vínculo necessário com o segmento material do vocábulo.

Creio, pois, que os críticos do termo *fonética sintática* não percebem, ou relutam em perceber, que o adjetivo *sintática* não vai além da mera relação lexical. Não havia intenção, seja em Sousa da Silveira, seja em outros filólogos afeitos a este designativo, de referir a aspectos da língua a um tempo fonéticos e sintáticos, porém simplesmente àqueles emanantes do contato direto entre as palavras *inter-relacionadas* na sentença. Nesse caso, não há como impor-lhe restrição, pois, efetivamente eclodem desta relação intervocabular os fatos fonológicos que lhe servem de objeto.

Não se pode negar, entretanto, que o termo *fonética sintática* pouca preferência desfruta fora dos volumes de línguas vernáculas, ou mesmo das gramáticas históricas. Na lingüística geral, observa-se maior presença do termo *sândi* (*shandi*)¹⁰, originário do sânscrito, que significa literalmente “colocar junto, reunir”¹¹. Mais abrangente, o *sândi* designa os fenômenos decorrentes do contato entre fonemas no tanto no interior – *sândi interno* – quanto no exterior da palavra – *sândi externo*. A preferência por *sândi*, decerto, decorre da controversa aplicação do termo fonética sintática para designar fatos meramente fonológicos, mas, em termos concretos, a escolha de um desses designativos em detrimento do outro não resulta em qualquer proveito especial.

O *sândi externo*, efetivamente, parece ser daqueles fenômenos a que a lingüística contemporânea vem denominando “universais lingüísticos”¹², isto

9 SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística General*. Buenos Aires, Editorial Losada S.A., Tradução de Amado Alonso, 1945.

10 Cito, à guisa de mera exemplificação, TROUBETZKOY, N. S. *Principes de phonologie*. Paris, Edition Klincksieck, 1986, p. 339 e MALBERG, Bertil. *Manuel de phonétique générale*. Paris, Éditions Picard, 1974. Maurice Grammont (*Traité de phonétique*. Paris, Librairie Delagrave, 1971), no entanto, prefere o termo *phonétique syntactique*.

11 ELIA, Sílvio. Dicionário gramatical português. In: *Dicionário Gramatical*. 3 ed. Editora Globo, 1962.

12 Não se dá aqui ao termo “universais lingüísticos” o conceito estrito que tem na gramática gerativa, já que, nesse modelo de investigação da língua, o componente fonológico não é parte integrante da gramática.

é, fatos da gramática presentes em todas as línguas conhecidas. Seus efeitos concretos, evidentemente, são atinentes aos sistemas fonológicos de cada língua em si, ou seja, uma consoante surda final (dez /deys/), que certamente se sonoriza perante vogal inicial em português (dez amigos /deyzamigus/), não será necessariamente objeto da mesma alteração em todas as línguas, ainda que em situação análoga.

Em português, o sândi externo também foi tocado de perto por Mattoso Câmara na tese *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*, sobretudo na teoria do vocábulo fonológico. O próprio Mattoso, sublinhe-se, que na nota prévia da 2.^a edição de sua tese ressenete-se da pouca importância que os estudiosos brasileiros e portugueses da década de 40 davam à fonologia (em suas palavras, *fonêmica*), reconhece em Sousa da Silveira¹³ o mérito de ser um dos precursores no tratamento das alterações vocálicas em ambiente intervocabular, mormente nas seqüências de monossílabos átonos terminados em vogais /e/ ou /o/, que sofrem alteração respectivamente para /i/ e /u/ em posição proclítica.

Ao asseverar que as vogais finais de monossílabos átonos, quando perante outro vocábulo (como, por exemplo, na expressão *de tarde*), manifestam-se como verdadeiras vogais em final de palavra – não como vogais de sílaba inicial – Mattoso adverte:

Esta circunstância torna-se fonemicamente apreciável, quando se compara o funcionamento de uma partícula proclítica com uma sílaba homófona de prefixo ou radical átono (grupo 2) de vogal *e* ou *o*. Enquanto no prefixo ou no radical átono temos /e/ ou /o/, o monossílabo proclítico só apresenta /i/ ou /u/ do grupo reduzido de três vogais. Hajam vista – *de pôr* /dipor'/ e *depor* /depor'/ *do mar* /dumar'/, e *domar* /domar'/, bem como *se senta* /sisẽ'ta/, e *sessenta* /sesẽ'ta/, *se tenta* /sitẽ'ta/ e *setenta* /setẽ'ta/, que não escaparam à observação de Sousa da Silveira, embora à luz da fonética naturalística, ou /olávu/ *Olavo* e /ulávu/ *o lavo*.¹⁴

Em termos sintéticos, Mattoso, não obstante utilize a hipótese do vocábulo fonológico em seu estudo descritivo, reconhece haver marcas de pronúncia aparentemente impostas por uma consciência morfológica da palavra no falante. A respeito, Sousa da Silveira assume na *Advertência* inicial de *Fonética Sintática* uma postura de maior cautela em face do então polêmico tema:

Muito de indústria deixo de tratar do problema da existência fonética da palavra, convencido, como estou, de que, ainda que pusesse em prova tôda a

13 Mattoso refere-se às *Lições de Português*, já que o volume *Fonética Sintática* veio a lume apenas em 1952.

14 CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro, Padrão, 1977, p. 65.

minha boa vontade e todo o esforço de que sou capaz, não lhe alcançaria nenhuma solução satisfatória.

À vista disso, prefiro colocar-me num ponto de vista mais seguro e mais prático: baseio-me na consciência, que todos nós, de certa altura, temos *atualmente*, de que a língua possui palavras, e que é com essas palavras, escolhidas e dispostas convenientemente, que formamos o discurso por meio do qual nos comunicamos verbalmente com os nossos semelhantes.¹⁵

A advertência de Sousa da Silveira é procedente. Afinal, se admitirmos, com Mattoso Camara, que “a verdadeira marca da delimitação vocabular é a pauta prosódica”¹⁶, de tal sorte que termos proclíticos com grau médio de atonicidade sejam interpretados fonologicamente como sílabas iniciais – *o livro* /u'livru/, *se fala* /si'fala/ –, evidentemente muitos dos fatos que Sousa da Silveira descreveu como típicos da fonética sintática, ou do sândi externo, passariam necessariamente a ser entendidos como fatos do sândi interno. Conclui-se, pois, que ao escrever *Fonética Sintática*, Sousa da Silveira optou por um conceito de palavra à época mais solidificado, de caráter formal, sem contudo desqualificar as novas teorias fonológicas emergentes.

Não escapa ao leitor atento a preferência de Sousa da Silveira pelos estudos diacrônicos. Essa tendência, herdada à lingüística histórico-comparativa do século XIX, que norteou a maioria dos estudos filológicos brasileiros até a metade do século XX, não pode ser interpretada como desinteresse do mestre das *Lições de Português* pelos fatos lingüísticos atuais. O que se observa não é uma abordagem diacrônica do fato fonológico, mas, a rigor, uma abordagem do fato atual com fulcro na mudança lingüística, na pesquisa dos fatores históricos que contribuíram para a ocorrência do fato presente. Uma coisa é produzir texto científico de descrição eminentemente diacrônica; outra é usar os estudos diacrônicos para esclarecer fato atual.

Vários seriam os exemplos dessa metodologia que poderíamos transcrever. Cite-se, à guisa de mera exemplificação, a referência à “expressão trivial em nossa língua falada ‘ele ê vem’, resultante de ‘êle ei vem’, graças à redução a simples vogal *e* fechado do ditongo *ei*”¹⁷. Segundo Sousa da Silveira, a posição proclítica do dissílabo *ai* em “Ele *ai* vem” fez atenuar a acentuação do *i*, de que resulta um *ai* átono, sujeito a assimilação regressiva em que o *a* passa a *e*, fato usual na fonologia diacrônica portuguesa (cf. *primariu* > *primeiro*):

15 SILVEIRA, A. F. Sousa da. *Fonética Sintática*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1971.

16 CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Problemas de Lingüística Descritiva*. 6 ed. Petrópolis, Editora Vozes, 1973, p. 36. Saliente-se que este conceito de vocábulo fonológico já se fazia perceber na tese de 1949.

17 SILVEIRA, A. F. Sousa da. op. cit., p. 52

ele aí vem > ele ai vem > ele ei vem > ele e vem. Outra prova que a fertilíssima pesquisa de Sousa da Silveira oferece-nos sobre o enfraquecimento silábico de dissílabos proclíticos está no adjetivo *boa*, reduzido a *ba* em expressões como “*bas tarde*”. Aqui, Silveira arrola a um tempo exemplos quinhentistas – retirados das *Obras*, de Francisco de Sá Miranda e dos *Poemas Lusitanos*, de Antonio Ferreira Castro – com outros contemporâneos, retirados de *Meu Sertão*, de Catulo da Paixão Cearense e *Violeiros do Norte*, de Leonardo Mota.

O que se verifica, pois, é um rotineiro caminhar pelas sendas do tempo, mediante consulta aos textos de toda época, em prol do ofício maior de deslindar os fatos gramaticais, tarefa essa que só se pode exigir de quem conhece intimamente todo o percurso da produção literária de sua língua. São estas idas e vindas no túnel do tempo que permitem a Sousa da Silveira citar com a mesma elegante simplicidade nomes como João de Barros e Martins Pena, Manuel Bernardes e Carlos Drummond de Andrade, Afonso X e Ribeiro Couto.

Em suma, *Fonética Sintática* mantém hoje o mesmo perfil de obra singular com que veio a lume em 1952. Sustenta, após aproximadamente meio século de vida, a mesma feição peculiar que a fez tão receptiva em nossos estudos gramaticais. Sua missão não está cumprida, visto que se renova com as repetidas gerações de leitores, e parece que, nesse mister, cumprirá missão infundável, enquanto houver quem se interesse pelos fatos da linguagem humana.
